

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA-LICENCIATURA

Vanessa Knevez Costa

O brincar e a docência: o que pensam educadores em formação no primeiro semestre de um curso de Pedagogia

Porto Alegre
1. Semestre
2012

Vanessa Knevez Costa

O brincar e a docência: o que pensam educadores em formação no primeiro semestre de um curso de Pedagogia

Trabalho de Conclusão apresentando a Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia-Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Darli Collares

Porto Alegre

1. Semestre

2012

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que estiveram comigo durante minha jornada na graduação e principalmente na construção deste trabalho. Agradeço em especial a...

...minha querida orientadora professora Darli Collares, primeiramente por me ter aceitado como sua orientanda, me guiando, apoiando e principalmente por me fazer enxergar a alegria no meio de tantas angústias. Obrigado por ter acreditado em mim e no meu trabalho.

... minha família amada, que tanto me apoiou nos momentos difíceis, me dando carinho, amor, atenção. Obrigado pela força que me impulsiona sempre à frente, pelas palavras ditas nas horas certas e pelo silêncio nos momentos onde nada precisava ser dito. Sou tudo que sou hoje, graças a vocês! Obrigada!

...meu companheiro, amigo, confidente. Aquele que esteve sempre me apoiando, que nunca cansou de repetir o quanto acreditava em mim. Tiago Armani te amo!

...todos meus amigos, que me alegraram, que me apoiaram, torceram por mim, uns mais perto, outros mais longe.

...meus colegas que dividiram comigo as dúvidas, alegrias, medos, descobertas. Principalmente as minhas inseparáveis companheiras Aline Santos, Gabriela De Conto, Melissa Pereira e Thaisa Souza. Gurias, vocês foram os melhores presentes que a UFRGS me deu!

...todos os professores da Faculdade de Educação da UFRGS ao qual eu tive o grande prazer de ser aluna. Em especial a Prof^a Maria Bernadette Castro Rodrigues, a Prof^a. Dr^a Sandra dos Santos, a Prof^a. Dr^a Clarice Traversini, Profes vocês são minha grande inspiração!

*"Ao brincar com a criança, o adulto está
brincando consigo mesmo".*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso trata da temática do brincar na ação docente, tendo como questão problematizadora – “Quais as concepções dos alunos ingressantes no curso de Pedagogia sobre o brincar e a ação docente?”. Para o desenvolvimento do estudo foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa com elementos etnográficos e ancorou-se principalmente nos estudos de Collares e Fortuna, tendo também contribuições de teóricos como Piaget e Vygotski. A coleta de dados ocorreu através de questionário estruturado realizado com quarenta e cinco alunos de graduação de duas turmas do primeiro semestre de uma universidade localizada em Porto Alegre. A seleção dos entrevistados deveu-se à intenção de se compreender o que pensam esses educadores em formação inicial sobre o brincar e a prática pedagógica do professor. Através da construção dos dados foi possível inferir que os entrevistados se dividem entre duas perspectivas: a utilização do brincar pelo professor como forma de ensinar seus alunos e a utilização do brincar pelos alunos como forma de aprender. Foi possível perceber também o brincar como elemento importante no estabelecimento de vínculos, bem como sua relação com um momento de descontração e divertimento em sala de aula.

Palavras-chave: Brincar. Ação docente. Vínculos sociais.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	7
2. O BRINCAR	9
2.1 SIGNIFICADOS DO BRINCAR	9
2.2 O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO- CONTRIBUIÇÕES DE PIAGET E VYGOTSKI	11
3. CAMINHOS DA PESQUISA	13
3.1 METODOLOGIA.....	13
3.2 SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO.....	13
4. BRINCAR E A AÇÃO DOCENTE: O QUE PENSAM EDUCADORES EM FORMAÇÃO INICIAL	16
4.1 UMA PERSPECTIVA DE ENSINAR.....	16
4.2 UMA PERSPECTIVA DE APRENDER	19
4.3 O ESTABELECIMENTO DO VÍNCULO AFETIVO	22
4.4 UM MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO E DIVERTIMENTO	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICES	31
APÊNDICE A- 1ª etapa= questionário estruturado em grande grupo	31
APÊNDICE B- 2ª etapa= questionário semi-estruturado individual por email	32
ANEXOS	33
ANEXO A- Termo de Consentimento Livre Esclarecido	33

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho constitui-se em uma pesquisa qualitativa sobre a temática do brincar inserido na ação do docente, tendo como questão norteadora: Quais as concepções dos alunos ingressantes no curso de Pedagogia sobre o brincar inserido na ação docente?, a fim de compreender o que entendem esses educadores em formação inicial sobre o brincar e a prática pedagógica do professor, quais os ideais que se vem formando, bem como quais os discursos que permeiam a temática por parte desses futuros educadores.

Dentre os objetivos principais, destaco:

- Analisar as respostas dos alunos, a fim de buscar elementos referentes à temática;
- Inferir a partir da análise das respostas dos alunos, categorias que definam possíveis concepções.

Meu interesse pela temática do brincar surgiu desde meus primeiros contatos com o curso de Licenciatura em Pedagogia, mais precisamente no ano de 2010 quando cursei a disciplina Jogo e Educação, disciplina de caráter obrigatório oferecida ao quarto semestre do curso naquela época. Foram através das discussões e reflexões propostas pelo curso, como um todo, e principalmente pela disciplina de jogo, que comecei a refletir sobre a temática do brincar e suas relações com a educação e a sala de aula. Porém foi através do estágio de docência proposto pelo sétimo semestre do mesmo curso que passei a refletir sobre o meu papel enquanto docente e as questões referentes ao brincar.

A importância do ato de brincar para as crianças dificilmente é negada. Teóricos de grande relevância na área da educação – e até fora dela – voltaram seus estudos para o brincar e sua relevância na vida dos sujeitos, apresentando pesquisas que dão consistência a este argumento. Sempre acreditei na importância do brincar, elegendo-o como um dos principais princípios pedagógicos de minha prática docente. Durante o estágio essa importância só veio a ser ainda mais confirmada, visto que pude presenciar e vivenciar junto aos alunos diversos momentos de brincadeira e perceber o quanto esses momentos são intensos para os sujeitos, o quanto constroem, vivenciam e experienciam situações diversas, trocam carinho, afeto, gargalhadas, brigam, choram, gritam, pulam, extravasam sentimentos, enfim, vivem intensamente. E, nessa vivência diária, tendo o brincar

sempre ali presente, passei a refletir sobre o meu papel enquanto adulto e, principalmente, enquanto docente – papel que desempenhava naquele espaço – nesses momentos de brincar dos alunos. Devido ao grande tempo que as crianças passam na escola, o educador é um dos sujeitos adultos mais próximos delas o que o torna agente importante também nos momentos da brincadeira. Refletindo sob esta perspectiva penso na importância de estudos que contemplem a ação do educador e os momentos de brincadeira.

Com isso, proponho esta pesquisa a fim de aprofundar meus estudos sobre a temática e refletir sobre questões que enriquecerão minha formação docente. Além disso, acredito que, com este estudo, possa estar contribuindo futuramente com a reflexão de outros educadores em formação que por ventura venham buscar o aprofundamento de seus conhecimentos sobre a temática em questão.

Para organizar os resultados de meus estudos e investigações, organizo este trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresento reflexões sobre os significados do brincar apoiada em teóricos como Fortuna, Huizinga. Apresento também contribuições dos teóricos Piaget e Vygotski sobre o brincar e o desenvolvimento.

No segundo capítulo apresento uma descrição da metodologia de pesquisa, ou seja, os caminhos que percorri neste estudo.

No terceiro capítulo apresento os dados da pesquisa, bem como as análises realizadas, ancorada, principalmente, nos estudos de Fortuna e Collares.

Por fim, trago as considerações finais, com as quais retomo aspectos importantes e apresento possíveis reflexões futuras.

2. O BRINCAR

Neste capítulo discorro sobre o brincar e seus significados, apoiada nas palavras de Fortuna, Huizinga, entre outros. Trago também contribuições dos teóricos Piaget e Vygotsky sobre a temática.

2.1 SIGNIFICADOS DO BRINCAR

O brincar, fonte de estudo de diversos teóricos da área da educação, pode adotar diferentes significados dependendo da cultura em que está inserido. Fortuna (2004) afirma que o brincar é uma criação social, que, assim como a infância, sofre determinações culturais. A mesma autora busca na etimologia da palavra brincar seus significados:

[...] brincar, de origem latina, resulta das diversas formas que assumiu a palavra *vinculum*, passando por *vinclu*, *vincru* até chegar a *vrinco*. É assim que do significado inicial "laço" passa por "adorno, enfeite, jóia que se usa presa na orelha ou pendente dela" até chegar à idéia de brinquedo e brincadeira. Na mitologia grega *Brincos* eram os pequenos deuses que ficavam voando em torno de Vênus, alegrando-a e enfeitando-a (Ibid.p.49)

Na busca pela palavra brincar no dicionário Aurélio *online* (2012) também é possível encontrar o significado de "enfeitar com ornatos, rendilhar", tendo também outros significados como "divertir-se; entreter-se com alguma coisa infantil; galhofar; gracejar".

Fortuna (Ibid. p.49) afirma que na busca pela etimologia e significados do brincar não se pode negar o caráter de "ornato e alegria" que acompanha esta palavra, caráter este que, segundo a autora, acaba por rebaixar o ato de brincar em nossa cultura, associando-o com "inconsequência, improdutividade e prazer". Discursos pejorativos em torno do ato de brincar são comuns. Não é difícil ouvirmos pessoas justificarem a utilidade, importância e até mesmo seriedade de alguma ação, afirmando que aquilo não é brincadeira. Na escola é recorrente nos depararmos com salas de aula em que o brincar é proibido ou, quando acontece, ocupa um lugar quase que marginalizado, devido à sua direta ligação com a ociosidade.

Além disso, relacionada à palavra brincar também há a idéia de “laço, relação, vínculo” (Ibid.,p.49). É através do brincar que interagimos com o outro, com o mundo que nos cerca, onde experienciamos situações sociais diversas. Além disso, “brincando, reconhecemos o outro na sua diferença e singularidade e as trocas inter-humanas aí partilhadas podem lastrear o combate ao individualismo e ao narcisismo” (FORTUNA, 2005, p. 109)

Huizinga (2000, p. 3) aponta que não é apenas a espécie humana que brinca, afirmando que “os animais brincam tal como os homens”. O autor remete ao comportamento dos cães para ilustrar sua afirmação. Ele explica que, ao observarmos os cães e suas “alegres evoluções”, podemos constatar “todos os elementos essenciais do jogo humano”. Para ele o jogo é mais que uma atividade puramente “física ou biológica”, tendo sempre um sentido, um significado.

Hening (2008 *apud* BASTOS, 2010) também, baseado em estudos do comportamento animal, afirma que a brincadeira influencia em um maior crescimento do cérebro e completa dizendo que,

[...] brincar, apesar de parecer uma besteira sem significado, garante um lugar no dia de cada criança. Não um lugar pretensioso, não um lugar hipócrita, mas um lugar que reconhece a brincadeira como uma parte essencial para um desenvolvimento neurológico saudável (Ibid., p.8)

O brincar é um processo espontâneo que acompanha os seres humanos – e até mesmo outras espécies animais – desde os primeiros momentos de vida e deve ser levado extremamente a sério, devido a sua forte presença, importância e relevância na vida dos sujeitos. Para Luckesi (2012) brincar significa agir de forma lúdica e criativa. Sendo, assim, todos brincam, crianças, adolescentes e adultos. Brinca-se por brincar, joga-se pelo prazer de jogar, o jogo tem uma finalidade em si mesmo (HUIZINGA, 2000). Brincar é um exercício de criatividade, envolve prazer, alegria, por isso deveria estar presente na vida dos sujeitos, independente da idade. Apesar de quase sempre estar associado ao universo infantil, à brincadeira também faz parte do mundo adulto e é importante que os próprios adultos percebam isso.

Devido a sua relevância e presença na vida dos sujeitos infantis e adultos, trago a temática do brincar e sua relação com a sala de aula e principalmente com a ação do educador, principal adulto, presente no âmbito da escola e da sala de aula.

Segundo Fortuna (2005, p. 108),

Adultos que assim vivem - para brincar e fazer brincar - podem estimular a construção de um outro senso de realidade, por meio do qual a participação social, marcada por novos imaginários, novos princípios e valores, seja possível, através da solidariedade, ousadia e autonomia experimentadas nas atividades lúdicas

Com isso, torna-se importante a presença do brincar nas ações do adulto e, principalmente, do educador, que tem como tarefa “fazer viver o brincar”, “perpetuá-lo” (Ibid, p. 108) na sala de aula, na escola e em todas as instâncias da vida, sua e das crianças.

2.2 O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO- CONTRIBUIÇÕES DE PIAGET E VIGOTSKI

Devido à grande presença do brincar na vida dos sujeitos desde a primeira infância, importantes teóricos como Piaget e Vygotsky estudaram esta temática, trazendo importantes contribuições para esse campo de estudo.

Piaget (1945 *apud* MACEDO, 1997) em *A formação do símbolo na criança*, descreve três formas de assimilação dos jogos, seriam elas: o exercício, o símbolo e a regra.

Os jogos de exercício caracterizam-se pela “assimilação funcional ou repetitiva”, pelo “prazer da função” (MACEDO, 1997, p.127), é nesta fase – aproximadamente dezoito meses de vida – que a criança repete incessantemente uma ação, como por exemplo, jogar e buscar por diversas vezes um objeto, sentindo extremo prazer nisso. Além disso, segundo o mesmo autor, é através dos jogos de exercício que a criança inicia a formação dos hábitos que seriam “a principal forma de aprendizagem no primeiro ano de vida e constituem a base para as futuras operações mentais” (Ibid., p. 129).

O jogo simbólico caracteriza-se pela “assimilação deformante”, ou seja, “a realidade é assimilada por analogia, como a criança pode ou deseja” (Ibid.,1997, p.131). É nesta fase quem surgem às brincadeiras de faz-de-conta, na qual a criança mistura realidade e ficção, podendo desempenhar inúmeros papéis dentro de uma brincadeira. Para Macedo (1997) é graças ao jogo simbólico que a criança aprende as regras de funcionamento da escola e da casa por exemplo.

O jogo de regras abrange características dos demais níveis, porém ganha uma característica fundamental: a coletividade. Este estágio caracteriza-se pela “assimilação recíproca” (Ibid. p.134), ou seja, a criança depende da jogada do outro para avançar. O jogo de regras também tem como característica o caráter competitivo. Porém Macedo (1997) destaca o sentido da competitividade como superação das próprias dificuldades. Para ele o sentido competitivo do jogo de regra “não é bom, nem ruim, caracteriza uma forma de problematização universal da vida” (p.135). Além do sentido competitivo, há o sentido da competência, o que o mesmo autor afirma não significar individualismo. Segundo ele “a competência é um desafio a superar a si mesmo” (Ibid, p. 136).

Vygotsky também voltou seus estudos para a discussão sobre o papel da brincadeira no desenvolvimento humano, dando principal ênfase para a brincadeira de faz de conta. A criança, quando pequena, está presa ao significado concreto do objeto e é na brincadeira de faz de conta que ela inicia seu processo de transição entre o objeto concreto e seus significados (OLIVEIRA, 1993). Ao brincar com um cabo de vassoura imitando um cavalo, a criança está se relacionando com o significado que atribuiu ao objeto – cavalo – ao invés do significado concreto do objeto – cabo de vassoura. Oliveira (1993, p. 67) afirma que este processo de desprendimento da realidade concreta constitui importante passo para a vida adulta. Outro ponto importante da teoria de Vygotsky é sobre a importância do brincar para a socialização. Durante a brincadeira a criança experiencia importantes situações da vida social. Barros (1996) aponta que ao comparar seu desempenho com o dos demais participantes de um jogo, por exemplo, a criança está desempenhando um importante processo de autoavaliação. Quando auxilia um companheiro em uma brincadeira está se desenvolvendo moralmente e quando brinca de faz de conta vive situações imaginárias que lhe auxiliarão a se desprender de situações concretas como já citado anteriormente.

Tanto Piaget nos estágios de assimilação do jogo quanto Vygotsky na socialização através do brincar discutiram importantes questões que devem ser levadas em consideração quando pensamos o brincar e sua importância para o melhor desenvolvimento dos sujeitos.

3. CAMINHOS DA PESQUISA

3.1 METODOLOGIA

Este estudo de cunho teórico-reflexivo foi construído utilizando o método qualitativo de pesquisa com elementos da etnografia. Este estudo pode ser classificado como qualitativo por seguir algumas das características descritas por André; Ludke (1986, p.44), como por exemplo: “os dados coletados são predominantemente descritivos”; a atenção do pesquisador é sobre o “significado que as pessoas dão as coisas” e por fim, “a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo”. Os mesmos autores afirmam que a pesquisa qualitativa pode assumir diversas formas, dentre elas a etnografia, que se caracteriza como “a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo” (Ibid,p.44). Compreendo que este estudo se utiliza de elementos etnográficos, pois “o foco do estudo não é um grupo muito grande de pessoas” e “a análise dos dados envolve interpretação de significado e de funções de ações humanas e assume uma forma descritiva e interpretativa , tendo a (pouca) quantificação e análise estatística incluída, um papel meramente acessório” (HAMMERSLEY *apud* FINO, 2012, p. 7).

A pesquisa também pode ser considerada como exploratória, pois assim como atenta Alexandre (2003) visa ao entendimento de idéias e conceitos, no caso compreender o que o grupo de docentes em formação compreende por brincar e a ação docente. Segundo o mesmo autor, a pesquisa exploratória envolve dentre outros elementos, o levantamento bibliográfico, o qual também utilizo neste estudo, na busca por referências teóricas acerca da temática.

3.2 SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa se deu com 45 alunos de graduação de duas turmas do primeiro semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia de uma Universidade localizada em Porto Alegre. Para a realização do estudo primeiramente foi feito contato prévio via *e-mail* com as professoras titulares de cada turma. Obtida a autorização por parte das mesmas, foi entregue a cada participante um termo de consentimento informado (ANEXO A) que foi devidamente assinado e entregue a pesquisadora.

A coleta de dados se deu em duas etapas:

- 1ª etapa: aplicação de questionário estruturado em dois grandes grupos;
- 2ª etapa: aplicação de questionário derivado do primeiro, enviado por *e-mail* individualmente, a fim de obter exemplificação de algumas respostas que não ficaram claras no questionário anterior

Na primeira etapa foi aplicado questionário estruturado (APÊNDICE A) e auto aplicado, o qual, conforme Alexandre (2003) é aquele onde o pesquisador responde com próprio punho em dois grandes grupos, cada turma de alunos em sua devida sala de aula, contendo as seguintes perguntas:

- Tu te consideras uma pessoa brincante? Por quê?
- Tu achas que ser uma pessoa brincante te auxiliará a brincar com os alunos? Por quê?
- O que entendes por "brincar inserido na prática do professor"?

A primeira questão teve como objetivo compreender o que os entrevistados entendem pela prática do brincar. A segunda questão diretamente relacionada com a primeira foi proposta com o objetivo de compreender se os entrevistados relacionavam o ser uma pessoa brincante com o brincar na prática do professor. A terceira e última pergunta diretamente relacionada com o meu objeto de pesquisa forneceu subsídios para que eu pudesse inferir concepções a cerca do brincar na prática docente.

A segunda etapa não estava prevista inicialmente, porém foi necessário que alguns entrevistados ilustrassem através de exemplos respostas que não ficaram totalmente claras às questões anteriormente formuladas. Durante a primeira etapa da análise das respostas obtidas, percebi que muitos entrevistados utilizavam a palavra "ensinar" quando questionados sobre o que compreendiam sobre o brincar inserido na prática do professor. Tornou-se necessário, então, que os mesmos tornassem mais claro, através de exemplos, o que gostariam realmente de expressar quando utilizaram a palavra "ensinar" em suas respostas. Para tanto, foi feito contato novamente com as professoras titulares das duas turmas, a fim de obter os *e-mails* dos entrevistados aos quais interessava. Após o recebimento por partes das professoras do contato dos alunos, mandei e-mails individuais contendo questionário semi-estruturado (APÊNDICE B) com questões dependentes, pois

foram elaboradas a partir das respostas anteriores (ALEXANDRE, 2003) onde transcrevi a pergunta realizada anteriormente, bem como a resposta dada pelo entrevistado, pedindo que os mesmos dessem exemplos do que haviam respondido.

Foi obtido retorno de uma pequena parcela dos contatados, dentre nove entrevistados que utilizaram a palavra “ensinar”, apenas três retornaram o e-mail. Apesar do pequeno retorno, utilizo das respostas destes alunos para análise, pois creio que oferecem importantes subsídios para discussões e reflexões acerca da temática.

A organização dos dados obtidos foi feita através da construção de tabelas de cunho quantitativo (não constantes neste trabalho, mas disponíveis a qualquer momento, por representarem material pessoal da autora), que auxiliaram na melhor visualização e compreensão das respostas obtidas.

4. BRINCAR E A AÇÃO DOCENTE: O QUE PENSAM EDUCADORES EM FORMAÇÃO INICIAL

Através das análises realizadas, trago algumas considerações que divido aqui em quatro categorias considerando os principais elementos presentes nas respostas dos entrevistados, a saber: (1) perspectiva de ensino; (2) perspectiva de aprendizagem; (3) o estabelecimento do vínculo afetivo e (4) um momento de descontração e divertimento.

4.1 UMA PERSPECTIVA DE ENSINAR

A primeira etapa da pesquisa trouxe à tona o pensar sobre o brincar em uma perspectiva de ensinar. A seguinte frase *“com a brincadeira podemos ensinar”*¹(EF10) esteve presente nas respostas de uma grande parcela dos entrevistados. Porém a idéia por trás da utilização da palavra ensinar não estava clara, visto que os entrevistados pouco desenvolveram suas respostas.

A segunda etapa da pesquisa contou com a participação de poucos entrevistados solicitados, porém trouxe importantes elementos para a problematização do brincar visto como uma forma de ensinar conteúdos. Ao serem solicitados a exemplificar o uso do termo “ensinar”, os entrevistados trouxeram em seus exemplos elementos que tornaram possível compreender que a idéia do brincar na prática docente é visto como uma maneira de ensinar determinados conteúdos aos alunos, como fica visível nas seguintes respostas *“ao perceber o interesse da criança em jogos, pode explorar e incluir conteúdos didáticos para facilitar o aprendizado”* (EF5) e *“o que quis disser quando falei que o brincar deve estar inserido na prática do professor através de brincadeiras junto os conteúdos quis disser que quando se for planejar a aula pode-se pensar brincadeiras que serão feitas junto com os conteúdos. De maneira que fixar a matéria”* (EF10).

Collares (2008) discute a utilização do brincar como forma de ensinar e fixar conteúdos escolares como uma forma de deformação dos reais sentidos do jogo.

Segundo a autora,

¹ As respostas dos entrevistados serão transcritas no corpo do trabalho entre aspas e com fonte em itálico, sendo denominados pelas letras EF (educador em formação) e um algarismo com o qual se distinguirá um entrevistado de outro.

Essa didatização do jogo pode afastar a criança do interesse pelo jogar, uma vez que nele as ações estão condicionadas ao que estão “estudando” e, portanto, sendo revisto ou fixado. Por vezes esse jogo é abandonado pela falta de significado. Abandono este que pode ser observado numa execução mecânica e desinteressada. Jogar, assim, representa realizar uma tarefa brincando, e os alunos aproveitam para ressignificá-lo, estabelecendo outro jogo nas vertentes abertas pelas suas ações. Usado de forma limitada e específica esse jogar retira da criança a necessidade de trocas, de negociação e de criação, dificultando a construção de um método cooperativo (COLLARES, 2008,p. 8).

Fortuna (2002) também discute esta questão afirmando o quanto é comum os educadores, na intenção de darem utilidade ao tempo passado na escola, acabarem por transformar a ação de brincar em um ensino-dirigido. Para a autora, nessa perspectiva de ensino-dirigido, “as atividades propostas são restritivas nas instruções e na condução e os brinquedos, limitados em sua exploração, inibindo a ação do brincar” (Ibid, p.9). Ainda para Fortuna (2007, p.21)

subordinando-a rigidamente ao ensino de conteúdos escolares e conhecimentos gerais, também impedimos as crianças de brincar, nessas condições a brincadeira desaparece, já que desaparece a liberdade, a invenção, a incerteza e a imaginação.

Por diversas vezes, em minhas experiências docentes, deparei-me com professoras em busca de jogos ou brincadeiras a fim de ensinar um determinado conteúdo aos alunos. Além desta necessidade, exposta por Fortuna, de tornar o tempo útil em sala de aula, acredito que este equívoco ocorra também pela relação que se estabelece entre a brincadeira e a aprendizagem. Fortuna (2002) aponta que alguns educadores levam tão a sério essa relação de aprender brincando que acabam por confundir suas práticas pedagógicas e didatizando o brincar. Acredita-se que o aluno aprende brincando, então utiliza-se o brincar para ensinar conteúdos e matérias escolares. É um ensinar disfarçado de jogo, uma “isca para fisgar o interesse do aluno no ensino” (FORTUNA, 2000.p.156).

Contudo, cabe ressaltar que a didatização do jogo teve sua importância para a inserção do brincar na sala de aula. Segundo aponta Collares (2008, p. 9) “a importância do jogo didatizado está no fato de ter oficializado o brincar durante o espaço/tempo da aula”. Mesmo que não seja o lugar que se deseja, o estar dentro da sala de aula já é um grande avanço, uma conquista.

Creio que esta idéia de utilizar o jogo em uma perspectiva de ensino de conteúdos possa também estar diretamente relacionada com o que se entende sobre o conceito de ensinar. Na busca por este conceito, utilizo das palavras de Collares (2001) que afirma que o sentido de transmissão dado ao termo ensinar é muito comum na escola. A autora com base nos estudos da Epistemologia Genética define que “ensinar está implícito no confronto de idéias, na contradição e na incoerência que a troca com o meio permite estabelecer” (Ibid.,p.33). Ou seja, o processo de ensino ocorre nas relações estabelecidas entre as pessoas no meio social onde vivem. Ensinar não é uma transmissão de conhecimento, é uma construção onde estão envolvidos todos os sujeitos do processo, no caso da escola e mais precisamente da sala de aula, professore e alunos. Com isso torna-se necessário romper com a idéia de que apenas os professores ensinam.

Não fica claro nas respostas dos entrevistados o que compreendem pelo conceito de ensinar, porém pelo contexto das respostas é possível inferir que a utilização da palavra ensinar não se afina ao conceito exposto por Collares. Parece-me um ensinar focado na figura do professor, aquele que repassa o conhecimento aos alunos. Por isso esse brincar tão focado na exploração e ensino de conteúdos.

Penso que estes dois aspectos: a confusão da relação brincar/aprender e a conceituação da palavra ensinar sejam duas hipóteses a serem pensadas para o aparecimento da utilização do brincar voltado para o ensino de conteúdos escolares nas respostas dos alunos de graduação entrevistados.

O brincar deve ter sim uma intencionalidade pedagógica. Inserir-lo em um planejamento que requer objetivo é fundamental para um bom aproveitamento dos momentos de brincar na sala de aula. O que se torna importante aqui, para que essa intencionalidade não se torne o jogo didatizado é a ação do professor para com a brincadeira. Se o docente compreende o brincar como um momento de aprendizagem do aluno, onde o mesmo aprende com o que o jogo ou a brincadeira lhe oferece saberá que sua ação não deve ser controladora nem restritiva. Segundo Fortuna (2002, p. 14),

O educador infantil que realiza seu trabalho pedagógico em uma perspectiva lúdica observa as crianças brincando e faz disto ocasião para reelaborar suas hipóteses e definir novas propostas de trabalho. Percebe que o melhor jogo é aquele que dá espaço para a ação de quem brinca e instiga e engendra mistérios. Intervém no brincar [...] para estimular a

atividade mental e psicomotora dos alunos, com questionamentos e sugestões de encaminhamentos.

Este entendimento por parte do professor de seu papel observador e mediador em relação ao brincar é importante para que haja o equilíbrio necessário e a brincadeira não seja “nem tão largada que dispense o educador, nem tão dirigida que deixe de ser brincadeira” (Ibid., p. 9). Além disso, o rompimento por parte do educador deste lugar de detentor do saber, portanto aquele que ensina o outro, também é fundamental para que o brincar ocupe seu verdadeiro lugar dentro das salas de aula.

4.2 UMA PERSPECTIVA DE APRENDER

Além do aparecimento do brincar em uma perspectiva de ensino de conteúdos, outra perspectiva adotada pelos entrevistados em suas respostas foi à utilização do brincar como forma de aprender.

Segundo os entrevistados *“o brincar é essencial na prática pedagógica do professor, pois sabemos que a criança aprende muito brincando”* (EF3) ou *“aprender com a brincadeira seja qual for sempre tem um lado bom que se pode aprender e se divertir”* (EF40). Respostas como estas foram recorrentes entre os entrevistados, oferecendo subsídios para compreendermos que os mesmos entendem que o aluno aprende enquanto brinca.

Esse entendimento por parte dos entrevistados da relação brincar/aprender é de extrema importância, visto que como futuros educadores é essencial que os mesmos valorizem o ato de brincar como um elemento importante na aprendizagem. Por mais que o brincar tenha sido alvo dos estudos de importantes teóricos e suas pesquisas comprovem que de fato se aprende com a brincadeira, no âmbito da escola e da sala de aula ela ocupa um lugar quase que marginalizado e a dicotomia brincar/aprender ainda existe.

Fortuna (2000) atenta que não é difícil convencer os educadores da importância do jogo para o desenvolvimento dos sujeitos, porém com a aprendizagem não ocorre o mesmo. A autora completa afirmando que com crianças menores na educação infantil, os professores geralmente se isentam de sua responsabilidade

pedagógica e oferecem o brincar aos alunos sem pouco ou nada se envolverem. Já com as crianças maiores nas séries iniciais a preocupação é promover o estudar em oposição ao ato de brincar. Alguns educadores na contrapartida a essa dicotomia relacionam o brincar/aprender de forma errônea, promovendo o ensino dirigido sobre o brincar como já comentado na sessão anterior. Sobre o jogo e a aprendizagem Fortuna (2012, s.p.), afirma que,

É justamente quando a brincadeira ultrapassa as determinações pedagógicas estanques, insurgindo-se contra a imposição de objetivos e conteúdos curriculares específicos que artificializam a aprendizagem, que é mais educativa: por meio da amplitude e profundidade das experiências que ela põe em jogo, mobiliza todo o ser, seus recursos e objetos de relação e, por isso, aprende-se com ela.

É fato que o sujeito aprende brincando. Não aprende necessariamente conteúdos escolares, mas com aquilo que o jogo tem a lhe oferecer. Para Collares (2008, p.8),

Jogando nos expomos, interagimos, acolhemos, estabelecemos regras, lutamos por respeito, criamos laços solidários. E como resultado conquistamos espaço, reorganizamos o mundo e a nós mesmos, somos um entre outros, resolvemos conflitos, nos tornamos inquietos, curiosos, bem humorados, enfim, construímos conhecimento.

Ao brincar aprendemos nas trocas estabelecidas entre os membros do jogo, a estabelecer e respeitar regras, aprendemos a nos posicionar sobre situações do cotidiano, construímos nossa autonomia. Borja i Solé (2007 *apud* Collares, 2008, p.10) afirma que “o jogo oferece a meninos e meninas a possibilidade de ser e estar ativos frente à realidade. Jogar é divertir-se, fazer, buscar, investigar, criar, evoluir, crescer”. Além disso, Fortuna (2000) atenta que o brincar influencia no desenvolvimento da imaginação e da criatividade, auxiliando na construção do conhecimento como um todo. Além da imaginação e o raciocínio, auxilia também no desenvolvimento da criatividade, o que beneficia, por exemplo, a construção da leitura e escrita (Ibid.). Para a mesma autora vivenciamos no brincar “cooperar, competir, ganhar, perder, comandar, subordinar-se, prever, antecipar, colocar-se no lugar do outro, imaginar, planejar e realizar, [...] aspectos fundamentais à aprendizagem em geral” (2007, p.21).

Para melhor compreendermos a relação entre o brincar e o aprender torna-se necessário também a busca pelo próprio conceito da palavra aprender. Collares (2010) atenta para o caráter de recepção geralmente adotado pela escola. E completa dizendo que assim como ensinar, o aprender acontece na relação entre as pessoas, na troca de experiências. Ou seja, na sala de aula, não é apenas o aluno que aprende, professores e alunos aprendem juntos nas trocas estabelecidas durante os momentos de aula.

Através desta breve conceituação da palavra aprender é possível perceber que a troca de experiências, elemento presente na aprendizagem, também se encontra como elemento fundamental do jogo, ou seja, é clara a relação entre as duas ações: brincar e aprender.

No âmbito da escola e sala de aula, o papel do educador é fundamental para que o brincar exerça de fato sua função na aprendizagem. Dizer que o aluno aprende brincando, não exime a figura do professor, muito pelo contrário, em nenhum dos momentos da aula, a figura do professor é tão importante como nos momentos de brincar dos alunos. Como afirma Fortuna (2003, p.8) , com base nos estudos de Brougère (2002) “o jogo não é naturalmente educativo, mas torna-se educativo pelo processo de formalização educativa”, ou seja, depende de uma intencionalidade sobre o mesmo e como já citado anteriormente é tarefa do educador pensar essa intencionalidade pedagógica do brincar. Sobre o papel do professor para com a brincadeira Smith (2006, p.30) atenta que é tarefa do educador “ajudar as crianças a desenvolver o seu brincar [...] estimular, encorajar ou desafiar a criança a brincar de formas mais desenvolvidas e maduras”, ou seja, além de propor o brincar com intencionalidade, o educador deve estar presente na brincadeira incentivando a criança a aprender cada vez mais.

Além disso, o professor deve atuar como um investigador onde jogo passa a ser seu maior instrumento de investigação (COLLARES, 2008). Para Fortuna (2000) a brincadeira auxilia o professor a também aprender com auxílio da observação e da reflexão, como seu aluno constrói, o que lhe serve de subsídio importante para planejar suas aulas. Ao observar como brincam, os professores estarão observando como aprendem seus alunos e estarão aprendendo também, inclusive é possível que o “professor aprenda mais com o jogo que o próprio aluno, pois encontra no brincar um novo paradigma para sua relação pedagógica” (FORTUNA, 2005, p. 112). Aprendem a conhecer a turma, as características, a personalidade, as

particularidades de cada um. Podendo através desses elementos melhor planejar suas aulas, tornando-as muito mais significativas. O olhar atento, a observação, a reflexão e o registro são fundamentais para o professor que leva o brincar para a sala de aula e o compreende como elemento da aprendizagem.

Os entrevistados não exemplificam em suas respostas como compreendem o papel do educador para com a brincadeira aliada à aprendizagem, porém deixam claro que compreendem a importância dessa relação. Acreditam que a brincadeira deve estar inserida na ação do docente devido a sua importância para a aprendizagem dos alunos, como fica visível na seguinte fala, onde o entrevistado aponta que a brincadeira “*é utilizada (o entrevistado se refere ao professor) com o intuito de ajudar as crianças a aprenderem*” (EF39), mostrando que compreende o brincar como facilitador para a aprendizagem dos alunos.

O brincar é extremamente importante para a aprendizagem como um todo. No âmbito da sala de aula, a ação do professor com a brincadeira é fundamental para que a mesma cumpra seu papel de promotora e facilitadora da aprendizagem.

Compreender a relação brincar e aprender já é um grande avanço para o educador, transpor essa relação para sua prática pedagógica no dia-a-dia creio ainda ser um desafio para o professor que trás o brincar em sua ação docente.

4.3 O ESTABELECIMENTO DO VÍNCULO AFETIVO

O brincar como uma forma de estabelecer vínculos entre professor e aluno também apareceu como destaque nas respostas dos entrevistados. Para eles o brincar presente na prática pedagógica do professor “*cria um vínculo professor/aluno*” (EF23), também que o brincar “*ajuda o professor a sempre estar presente em todos os momentos fazendo com que o aluno crie um maior vínculo e confiança*” (EF2).

A questão do vínculo é bem recorrente quando pensamos nas questões relacionadas ao brincar, por sua própria origem etimológica. Segundo Fortuna (2005) o brincar tem origem no latim e é resultado de diversas variações da palavra vinculum.

O ato de brincar tem a interação social como uma de suas principais características. E essa interação é muito importante para o estabelecimento dos laços sociais entre os sujeitos. Laços esses que são fundamentais na constituição

de um vínculo positivo entre as pessoas. Fortuna (2005, p.109), com base nos estudos de Oliveira (2001) afirma que,

O universo lúdico pode ensejar um estreitamento de solidariedade, camaradagem, participação na vida do outro, responsabilidade social pelo projeto coletivo de suas/nossas vidas, podendo concorrer para o estabelecimento de uma cultura solidária. Essa cultura emerge a medida que as interações sociais fundam-se numa base comum, na qual os participantes voltam-se um para o outro, compondo um campo mutuamente compartilhado.

No âmbito da sala de aula não é diferente. Os alunos estabelecem um intenso contato social enquanto brincam. Mesmo quando brincam sozinhas, dificilmente não estão em contato umas com as outras, em uma troca de brinquedos, de peças de um jogo, etc. E através desses contatos, que as relações de respeito, carinho, amizade se estabelecem e os vínculos sociais, recíprocos ou opostos, se formam.

E para o docente, sujeito que acompanha os alunos e está presente em uma boa parte do dia a dia dos mesmos é importante que compreenda esses momentos de interação que o brincar proporciona. Além disso, é fundamental o entendimento por parte dos mesmos, que levar o brincar em sua prática docente o aproximará muito mais de seus alunos, estabelecendo esses importantes vínculos de amizade, carinho, respeito, que o brincar proporciona.

Estabelecida uma relação de afetividade entre professores e alunos, as aulas serão momentos muito mais prazerosas, pois serão baseadas na confiança, no respeito, na troca. Além disso, estará contribuindo para a construção de sujeitos mais autônomos e cooperativos, preocupados uns com os outros, como afirmam Farias e Salles (2007, p. 47),

[...] quanto maior for a afetividade que as permeia e o espaço para as diversas manifestações das crianças, mais possibilidades essas relações terão de se enriquecer e de contribuir na construção da autonomia, na autoconfiança e na capacidade de cooperar dos sujeitos

E os entrevistados parecem compreender essa importante relação, destacando que *“quando o professor traz consigo o brincar, ele deixa de ser apenas o professor e passa a ser um integrante da turma”* (EF8). Esse *“passa a ser integrante da turma”*, compreendo como uma maneira de aproximação entre professores e alunos,

pois se os alunos percebem que o professor também é uma pessoa que brinca, assim como eles, verão no professor um amigo, uma pessoa próxima.

Para os entrevistados o brincar também *“melhora o relacionamento professor-aluno e aluno-aluno, ameniza as dificuldades de relacionamento se existirem”* (EF42), reforçando que compreendem a capacidade do brincar na melhora das relações entre os sujeitos, no caso professores e alunos.

Porém, é importante frisar que nem sempre há essa concepção por parte dos educadores, ou seja, do brincar como um elemento de melhora nas relações entre professor e aluno. Muitos educadores temem que os alunos passem a não respeitá-lo caso brinquem. Um dos entrevistados demonstrou essa preocupação em sua resposta, afirmando que *“o professor que brinca, perde o respeito dos alunos”* (EF25).

Creio que esta é uma visão deturpada do sentido de autoridade. Se acreditarmos que para exercermos nossa autoridade em sala de aula necessitamos que os alunos sintam medo de nós realmente não é possível que haja a brincadeira, porém se a autoridade é vista como um respeito é muito possível sim construí-lo através do brincar.

Porém, o que uma parcela significativa dos entrevistados demonstra é a compreensão da importância do professor que traz o brincar em sua prática, com uma relação positiva de aproximação e estabelecimento de vínculos.

Por fim, trago a fala de um dos entrevistados que considero bem ilustrativa, *“acredito que os professores que mais marcaram (positivamente) os seus alunos são aqueles engraçados e faziam jogos e brincadeiras”* (EF11). Acho importante destacar nessa resposta a compreensão, do entrevistado, de quanto às ações do educador podem marcar negativa ou positivamente seus educandos. Nesse caso, o entrevistado entende que o brincar na ação do professor marca de uma maneira positiva esses alunos.

No estudo de Francine Viebeck Martini (2011) ficam visíveis as memórias positivas que os alunos têm dos professores que trazem o brincar em sua prática docente. Na mesma pesquisa Martini (Ibid., p. 23) aponta que o professor que brinca *“parece estar mais próximo das crianças, pois participa e intervém em um dos momentos mais esperados e queridos dos alunos: o momento de brincar!”*

4.4 UM MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO E DIVERTIMENTO

Segundo os entrevistados o brincar inserido na ação do docente caracteriza-se por um momento de descontração e divertimento na sala de Para eles o professor que leva o brincar em sua prática gera um “*momento de descontração*” (EF14), onde “*o professor que propõe o brincar fazer as crianças se divertirem*” (EF35).

A associação do brincar com a diversão é inevitável, visto que o brincar requer movimento, desperta prazer e alegria. E, por essas próprias características, que o brincar na sala de aula, muitas vezes, não é visto de uma maneira positiva. Segundo Fortuna (2003, p.15) “devido às exigências do próprio jogo, em um clima de animação que sugere, freqüentemente aos observadores externos, bagunça, mas que na verdade traduz a alegria de saber e de conviver”.

Não fica extremamente claro nas respostas dos entrevistados se os mesmos compreendem esses momentos como positivos ou negativos. Porém analisando as respostas percebo que há certa associação positiva com essa descontração e divertimento gerados pelo brincar na sala de aula, pois em algumas respostas esse momento vem associado com uma boa aprendizagem por parte dos alunos. Como, por exemplo, na seguinte resposta onde o entrevistado explicita o que é o brincar na ação docente, afirmando que “*é um momento de descontração e aprendizado*” (EF28), até mesmo nesta outra resposta “*brincar na sala de aula é um momento de descontração e após essa liberação de energia, que deve ser diária com os alunos eles se mostram mais dispostos a aprender*” (EF4) é possível observar elementos da relação dos momentos de descontração na sala de aula com uma boa aprendizagem.

Difícilmente a diversão, assim como o humor e o prazer são levados em consideração na escola. Parece que a mesma nega esses sentimentos subjetivos, pois a escola é muito centrada no conhecimento científico. Porém Fortuna (2005, p.108) discute que “já foi provado que na área das ciências humanas não há como se liberar da subjetividade e das emoções para produzir conhecimento”.

Fortuna (2012) aponta que o humor é herdeiro legítimo da brincadeira infantil e, ancorada nos estudos de Freud, discute que é importante para a saúde mental. O psicólogo Steve Ayan (2009), pesquisou a influência do humor na vida das pessoas. Para o pesquisador o bom humor auxilia a pessoa a melhor suportar as dificuldades,

como a dor da perda por exemplo. Além disso, uma risada libera um hormônio chamado endorfina, deixando o sujeito mais resistente a dor.

Com isso, é possível afirmar que a importância da alegria e do bom humor, propostos pelas brincadeiras, atravessa a importância para a aprendizagem e construção do conhecimento e se apresenta como relevante para a própria saúde mental dos sujeitos, o que reforça mais a importância desses momentos.

E não é porque é divertido que o brincar perde sua seriedade. Segundo Collares (2008, p. 8) “o jogo é sério, porque ser sério não significa ser tedioso, carrancudo. É sério porque promove desenvolvimento, integração e cultura”. E é por todas essas características e suas importâncias já citadas anteriormente- relevância para a aprendizagem e para saúde – que como educadores se torna importante propor e preservar esses momentos de diversão que o brincar proporciona, levando-o através de nossas práticas para o ambiente de sala de aula.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou importantes reflexões acerca do brincar e a ação docente. Através deste trabalho fica perceptível a importância da efetiva ação do educador para com o brincar, tanto em sua relação com o ensino e aprendizagem, quanto nas questões referentes ao vínculo afetivo e a diversão.

A pergunta inicial do estudo “Quais as concepções dos alunos ingressantes no curso de Pedagogia sobre o brincar inserido na ação docente?” trouxe elementos que apontam que o brincar é visto pelos educadores que estão iniciando sua formação docente como um elemento importante na aprendizagem dos alunos em sala de aula, porém sua relação com o ensino e fixação de conteúdos escolares ainda persiste. Além disso, a importância que o brincar na prática docente apresenta para a aproximação professor/aluno ficou evidente, bem como o divertimento que o brincar proporciona como um momento também de aprendizagem.

Fica visível, que apesar de estarem cursando o primeiro semestre de um curso de formação de professores, os entrevistados estabelecem importantes relações entre o brincar e a ação do docente. Compreendem que é possível aprender brincando, porém ainda apresentam a concepção de aprendizagem de conteúdos escolares através do jogo, mostrando que a brincadeira didatizada ainda é uma idéia que perdura. Acredito que esta indiferenciação possa ter sua explicação no próprio nível inicial de formação desses alunos, pois estando em um primeiro semestre, muitos deles ainda estão em processo inicial de construção de suas idéias e concepções e suponho que, muitos deles ainda não tiveram contato significativo com a prática docente.

Além de aprofundar meus conhecimentos sobre a temática e enriquecer minha formação docente, almejo que este estudo possa vir a contribuir – mesmo que de forma singela – para o enriquecimento de discussões acerca da importância de pesquisas que contemplem as concepções dos educadores em formação. Visto que toda prática pedagógica está diretamente relacionada às concepções que se tem sobre diversos conceitos que permeiam o campo educacional, neste caso, uma prática docente onde o brincar seja elemento presente, dependerá do que o educador compreende por brincar e as relações que estabelece com a escola e sala de aula.

Além disso, penso que refletir sobre os discursos que permeiam entre os alunos de graduação possa propor o fazer pensar sobre questões relacionadas ao próprio currículo dos cursos de formação de professores, por exemplo.

A experiência como pesquisadora, trouxe-me conhecimentos que levarei para todo meu fazer docente, afinal é importante que todo educador seja um constante pesquisador. Além disso, estar em contato com os alunos do primeiro semestre do curso, do qual estou em processo final, foi interessante, pois pude revisitar minha própria trajetória acadêmica, fazendo-me pensar e refletir sobre minhas concepções como ingressante do curso e agora como acadêmica em processo final de graduação.

Com isso, minhas expectativas como pesquisadora, neste trabalho de conclusão de curso, são futuros estudos que contemplem as concepções dos educadores em formação acerca do brincar, atentando para aqueles que estão em processo final de graduação.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Mário J. **A construção do trabalho científico: um guia para projetos, pesquisas e relatórios científicos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

ANDRÉ, Marli; LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. p. 11-44

AYAN, Steve. Rir é o melhor remédio. **Revista Mente e Cérebro**. São Paulo, jan.2009.

BARROS, Célia Silva. O processo de socialização na teoria de Vygotski. In: **Psicologia e construtivismo**. São Paulo: Ática, 1996

BASTOS, Taiane R. **Hora de brincar: onde está a professora?** Porto Alegre: UFRGS, 2010, 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

COLLARES, Darli. **Epistemologia genética e pesquisa docente: estudos das ações no contexto escolar**. Porto Alegre: UFRGS, 2001, 202 f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. O jogo no cotidiano da escola: uma forma de ser e estar na vida. In: **Projeto – Revista de Educação : o jogo na sala de aula**. Porto Alegre: Projeto, v.8, n.10, out. 2008.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. Disponível em <<http://74.86.137.64-static.reverse.softlayer.com/>> Acesso em: 19/06/2012

FARIA, Vitória, SALLES, Fátima. **Currículo na educação infantil: diálogos com os demais elementos da proposta pedagógica**. São Paulo: Scipione , 2007

FINO, Carlos Nogueira. **A etnografia enquanto método: um modo de entenderas culturas (escolares) locais**. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf> Acesso em: 24 maio 2012.

FORTUNA, Tânia Ramos. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, Maria Luisa; DALLA ZEN, Maria Isabel (Org.) **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Porto Alegre: Mediação, 2000 (Cadernos de Educação Básica,6) p.147-164

_____. Papel do brincar: aspectos relevantes a considerar no trabalho lúdico. **Revista do Professor**. Porto Alegre, n 71, p.9-14, jul./set. 2002

_____.Jogo em aula: recurso permite pensar repensar as relações de ensino-aprendizagem. In: **Revista do Professor** . Porto Alegre, v.19, n.75, jul./set., 2003, p.15-19

_____. Vida e morte do brincar. In: ÁVILA, Ivany S. (Org.) **Escola e sala de aula-mitos e ritos: um olhar pelo avesso do avesso**. Porto Alegre: UFRGS, 2004, 2.ed. p. 47-59

_____. A formação lúdica do educador. In: MOLL, Jaqueline. (Org.) **Múltiplos Alfabetismos: diálogos com a escola publica na formação de professores**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 107-121

_____. **Museu é lugar de brincar?**. Revista Museu – Cultura levada a sério, julho de 2006. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=9249> Acesso em: 29/06/2012

_____. Brincar é aprender: a brincadeira e a escola. **Marista Sul: revista da Província Marista do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2007, ano 7, número 31, maio/ago. 2007, p. 20-21.

_____. **O museu em jogo**. Disponível em: <<http://www.difusaocultural.ufrgs.br/admin/artigos/arquivos/artigotaniafortuna.pdf>> Acesso em: 30/06/2012

HUZINGA, John. **Homo Ludens**. São Paulo, Perspectiva, 2000, 4.ed. (ed.orig. 1938)

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Brincar: o que é brincar?** Disponível em <www.luckesi.com.br/textos/ludicidade_brincar_01.doc> Acesso em: 24 maio 2012.

MARTINI, Francine Viehbeck. **“Prof, quer brincar com a gente?”: Lembranças dos alunos sobre o professor que brinca no espaço escolar**. Porto Alegre: UFRGS, 2011, 50f. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educacao, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotski**, São Paulo, Scipione, 1993.p. 66-67

PÁDUA, Gelson Luiz Daldegan. **A epistemologia genética de Jean Piaget**. Disponível em <http://prolicenmus.ufrgs.br/repositorio/moodle/material_didatico/didatica_musica/turma_ef/un21/links/epistemologia_genetica.pdf> Acesso em: 24 maio 2012.

SMITH, Peter. O brincar e os usos do brincar. In: MOYLES, Janet R. (Org. et. al.). **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 25-38

APÊNDICES

APÊNDICE A- 1ª etapa= questionário estruturado em grande grupo

- Tu te consideras uma pessoa brincante? Por quê?
- Tu achas que ser uma pessoa brincante te auxiliará a brincar com os alunos?
Por quê?
- O que entendes por "brincar inserido na prática do professor"?

APÊNDICE B- 2ª etapa= questionário semi-estruturado individual por email

- Na seguinte pergunta “O que entendes por brincar inserido na prática docente, tu me respondeste (transcrição da resposta do entrevistado). Poderias me dar um exemplo?”

ANEXOS

ANEXO A- Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Projeto de Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso:

Concepções dos alunos ingressantes no curso de Pedagogia sobre o brincar inserido na ação docente

Pesquisadora Responsável: Vanessa Knevitiz Costa

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Darli Collares

Descrição sucinta do projeto:

A proposta desta pesquisa consiste em investigar quais as concepções que os alunos ingressantes no curso de Pedagogia têm sobre o brincar inserido na ação docente, ou seja, o que pensam os futuros educadores sobre o brincar na prática do professor. Para posterior reflexão e análise, é necessária a aplicação de questionário a fim de visualizar as diversas narrativas. Destacamos que os dados coletados manterão preservada a identidade dos participantes ou de toda e qualquer pessoa envolvida na pesquisa a não ser que haja anuência dos mesmos em sua identificação ou se houver co-autoria ou autoria nas ações empreendidas de forma contextualizada na referida pesquisa.

Agradecemos antecipadamente a compreensão de Vossa Senhoria e colocamo-nos a sua disposição para esclarecimentos que se fizerem necessários a qualquer momento da efetivação da presente pesquisa.

Eu, _____

RG _____ concordo em participar da pesquisa “Concepções dos alunos ingressantes no curso de Pedagogia sobre o brincar inserido na ação docente” parte integrante do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da aluna Vanessa Knevitiz Costa, sob a orientação da Prof^a. Dr^a Darli Collares. Como depoente, autorizo o uso dos dados do questionário escrito, desde que minha identidade seja preservada.

Assinatura do (a) participante

Contatos com a aluna responsável:

Fone: 97482477

E-mail: knevitiz.vanessa@gmail.com